

Camilo Pessanha, o Sinólogo Estético

ANA CRISTINA ALVES*

RESUMO: No artigo faz-se uma breve introdução ao conceito de sinologia, após o que se consideram algumas das áreas sinológicas privilegiadas pelo poeta Camilo Pessanha. A primeira consistirá nas reflexões do Poeta sobre a cultura chinesa. A segunda abordará o pendor colecionista de Pessanha e a terceira, as traduções de poesia chinesa que teve oportunidade de realizar.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Dissidência; Caminho poético; Sinologia estética

1. PRELÚDIO

Dissidente (a *Camilo Pessanha*)

Deixa-te ir dissidente
És uma gota
Num mar de gente
Em terra seca, ardente.

Deixa-te ir dissidente
Contra a corrente
Que vai enferrujando
E não sente.

Deixa-te ir dissidente
A tua história é um hino vivo,
Não mente.

Nem Chinês, nem Português
Por que tens de ser diferente?
Exististe tão somente.

* Licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou em Macau no Instituto Politécnico de Macau e na Universidade de Macau como professora de Português Língua Estrangeira, de Cultura, Filosofia e de Tradução Chinês-Português. Tem várias obras publicadas nos campos da Filosofia, Tradução e Língua e Cultura Chinesas.

Degree, M.A. and Ph.D. in Philosophy from Lisbon University's Faculty of Arts, She worked in Polytechnic Institute of Macao and in the University of Macao as teacher of Portuguese as Foreign Language, Culture, Philosophy and Chinese-Portuguese Translation. She published works in the field of Philosophy, of Culture, Chinese Translation and Language.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

2. ANDANTE

Camilo Pessanha (1867-1926) nasce a 7 de setembro em Coimbra. Filho dum juiz ingressa também ele no curso de Direito da Universidade de Coimbra em 1884, concluindo-o em 1891, sendo nesse ano nomeado para o cargo de subdelegado do Procurador Régio de Mirandela. Até lá estreia-se na poesia e nas crónicas, colaborando, entre outras publicações, com: a Gazeta de Coimbra, a revista republicana A Crítica e o jornal Novo Tempo de Mangualde.

O que o faz partir para Macau, deixando uma promissora carreira na Magistratura e a possibilidade de seguir as pisadas do pai que tanto admirava, embora este só o tivesse perfilhado já adulto?

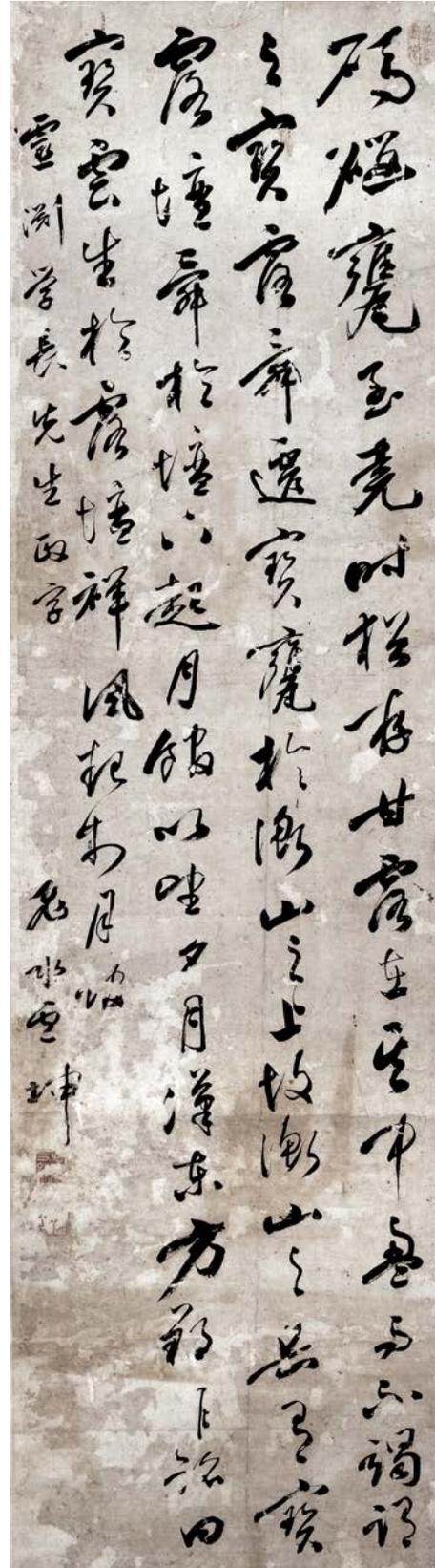
Teve alguns reveses sérios, muito grandes.

Começemos pelas duas desilusões amorosas. A primeira, aqui resumida a partir da versão de Francisco Penajóia¹, Dona Madalena Canavarro. Quando se declarou à bela dama de cabelos doirados não teve a recepção desejada, pelo que ainda em Macau recordava anos mais tarde aquele amor infeliz. (1990: 40). A segunda, outro amor não correspondido, foi pela irmã do seu amigo Alberto de Castro Osório, Ana de Castro Osório (2004: 183). Estaria possivelmente a pensar nela, quando escreveu em 1883 a “Canção da Partida”. Recordemos um pouco na versão bilingue traduzida por Chen Yongyi (陳用儀):

Quem vai embarcar, que vai degredado,
As penas do amor não queira levar...
Marujos erguei o cofre pesado,
Lançai-o ao mar.

(上船遠航的人，註定要離響別井的人，
可別將愛情的痛苦一起帶走……
水手們，抬起那個沉重的保險箱，
把它扔到海裡。)
(1997: 70/1)

Também não foi feliz a sua estreia no caminho da magistratura. E esta inclui-se numa das razões que o terão levado ao Oriente, sendo a outra o poder



Rolo de pintura / caligrafia chinesa. mnm5176. Autor: Cheng Qing, China. Coleção de Arte Chinesa de Camilo Pessanha. Museu Nacional de Machado de Castro. Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

auxiliar o seu irmão Francisco a formar-se, como declarava em carta ao pai. Mas “a primeira e mais importante, representa uma tremenda decepção que a vida profissional infligiu ao jovem subdelegado,² menos dum mês depois de ter tomado posse.” (1990: 107)

E continuando com o relato de António Dias Miguel, um contexto político que lhe foi adverso, dominado pela facção Regeneradora, lançou-o na defesa dum funcionário progressista agredido pelo regenerador administrador do concelho, filiação à qual também pertencia o juiz. O administrador viria a ser absolvido, com a cobarde convívência do agredido, e o poeta representante do Ministério Público ficou em maus lençóis ou, parafraseando Pessanha, sem parte dos seus *lençóis de linho*, já que seria inclusive impedido de se apresentar a concurso para delegado. Abandonou então em Portugal a carreira da Magistratura, retomada em Macau, como nos recorda, por exemplo, Celina Veiga de Oliveira em *Camilo Pessanha: O Jurista e o Homem* (1993).

No ano de 1892 encontramo-lo em Óbidos a advogar e com algumas dificuldades financeiras, já que gosta do que faz “apesar de mal ganhar para viver.” (1990: 109)

Camilo Pessanha sairá de Lisboa a 19 de fevereiro de 1894, chegando a Macau a 10 de abril do mesmo ano para assumir o cargo de professor de filosofia no Liceu de Macau.

Viria a ser considerado o maior poeta do Simbolismo, e o mais digno representante de Verlaine no mundo lusófono. O herói lírico-épico, segundo a perspectiva de Maria Antónia Jardim (2000), alma gémea de Platão com o qual partilha, ainda de acordo com a autora, a dor cósmica, agoniza no mundo material, penso que não tanto, por horror à matéria, se excluirmos o período da morte, mas pela dificuldade que sente no caminho, como nos confessa na segunda parte do poema homónimo, quando refere que a jornada só se aguenta ébrio ou, acrescentamos nós, opiado. Deixe-se desabafar o eu poético:

Caminho (II)

Encontraste-me um dia no caminho

Em procura de quê, nem eu o sei.

- Bom dia, companheiro – te saudei,

Que a jornada é maior indo sozinho



Pessanha vestido de mandarim, com a irmã, cerca de 1897, eventualmente em casa dos pais, na cidade de Lamego. In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/ Instituto Português do Oriente, 2005

(有一天你在路上遇見了我，
我在尋找甚麼，我自己也不知道。
“老兄，你好呀”我向你打招呼，
孤寂一人走路越走會越漫長。)

É longe, é muito longe, há muito espinho!
Paraste a repousar, eu descansei...
Na venda em que poisaste, onde posei,
Bebemos cada um do mesmo vinho.

(路漫漫，路漫漫，到處是荊棘！
你停下來歇歇，我也喘口氣……
你是一家小店駐腳，我也停了下來，
我們二人共飲一瓶葡萄酒。)
(...)
(1997:8/9)

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

Prosseguindo com o esboço biográfico de Camilo Pessanha, o poeta chegou a Macau onde havia de ensinar muitas disciplinas, incluindo as de geografia, história e direito. Regressou a Portugal em 1896 por motivos de saúde, seguindo para Lamego onde descansaria, recuperando duma astenia geral.

Voltou para Macau em fevereiro de 1897. Aí reassumiu as funções de professor do Liceu de Macau. Em 1900 tomou posse do lugar de Conservador Predial, mas nunca o chegaria a exercer. Dele seria o cargo de professor, lecionando Economia Política, Direito Comercial e História da China. Os seus dotes docentes não só nunca estiveram em causa, como foram sempre profundamente enaltecidos. De acordo com uma das suas fontes biográficas menos complacentes, o Dr. Silva Mendes³, “escrevia as preleções e passava-as aos alunos. Excelente professor! Teria o senão de por vezes ultrapassar um tanto a capacidade receptiva dos alunos.” (1990: 34)

Em 1901 exerceu o cargo de Juiz Auditor dos Conselhos de Guerra, que voltaria a assumir em 1914 e 1916. Em 1904 tomou posse como Juiz substituto. Em 1905 regressou a Portugal por motivos de saúde, após lhe ter sido diagnosticada uma “anemia palustre”. Tornaria a embarcar para Macau em 1909, aonde chegou em fevereiro, sendo nomeado professor de Economia Política e Direito Comercial. Continuou exercer o cargo de juiz, sendo alvo de críticas e queixas por parte dos advogados que o consideraram inoperante e “demasiado identificado com o meio” (2004: 191).

Tendo sido afastado da magistratura, encontramos o poeta em 1914 a exercer o cargo de professor das primeiras classes de Português. Foi ainda nesse ano que seriam publicadas no jornal “O Progresso” as suas co-traduições de *Elegias Chinesas* em colaboração com José Vicente Jorge. Neste jornal publicou em 1915 uma conferência: “Sobre a Literatura Chinesa.”

No mesmo ano regressou a Portugal com uma licença especial. Em Lisboa encontrou, entre muitos outros poetas, Fernando Pessoa que o exaltaria como mestre. Quatro meses depois, já em 1916, voltou para Macau, suspendendo com impaciência a licença especial. Sentia a falta da China e do ópio. Regista António Osório de Castro⁴, sobrinho de Ana de Castro Osório, a propósito das errâncias do poeta que este se: “exilava no Oriente quando de cá partia e (estava)⁵ exilado no Continente quando aqui regressava, sofria de todas as nostalgias.” (1990: 63)

Em 1919 demitiu-se do cargo de Conservador do Registo Predial, mantendo-se no entanto ligado à advocacia e ao ensino. Em 1920 seria editada a obra poética *Clepsidra*, sob os auspícios e propriedade de Ana de Castro Osório.

Em 1924 publicou no jornal “A Pátria” o texto “Macau e a Gruta de Camões” por ocasião do 10 de junho. Um ano depois, encontramo-lo a substituir interinamente o Reitor do Liceu.

Pouco antes de falecer doou ao Estado Português, especificamente ao Museu Machado de Castro em Coimbra, novo lote de peças de arte chinesa, partindo o poeta, jurista, magistrado, advogado, professor, colecionador e sinólogo a 1 de março de 1926, vitimado por tuberculose.

3. ALLEGRO NON TROPPO

Viola Chinesa

Ao longo da viola morosa
Vai adormecendo a parlenda,
Sem que amadornado eu entenda
A lenga-lenga fastidiosa.

(中国二胡
隨著那悠悠的二胡聲
話話言談漸漸在飄飄渺迷茫，
本本就昏昏欲睡的我，
對這煩人的言談一直聽而不聞。)
(1997:94/95)

Poderá Camilo Pessanha ser considerado um sinólogo? Sim, e vamos ver em que sentido, porque se pensarmos do ponto de vista estritamente académico, sistemático e científico, talvez não.

Mas na verdade o poeta dedicou grande parte da sua curta existência ao Oriente Chinês. Os escritos que nos deixou sobre a China não são extensos e por vezes são parciais. Do ponto de vista teórico, neles encontramos uma perspetiva negativa sobre os chineses, que muito incomodava, por exemplo, Manuel Silva Mendes. Este embora lhe reconhecesse a tendência para o colecionismo, não o considerava um conhecedor da arte chinesa, nem tão pouco da literatura, apenas, como já foi mencionado, lhe considerava o talento “como professor, como prosador, e como jurisconsulto e advogado.” (1990:34)

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

A falta de um estudo aturado sobre os assuntos, nomeadamente chineses, no que concerne à literatura e às coleções artísticas, ou mesmo às traduções, pois traduziu muito pouco, não lhe retiram o título de sinólogo, pelo menos na minha definição de sinologia, que mais do que a ciência teórica do País do Meio é sobretudo uma vivência das “coisas da China”, pedindo emprestada a expressão a Frei Gaspar da Cruz e ao seu pioneiro tratado de sinologia.⁶

Camilo Pessanha, viveu em Macau, aprendeu chinês, teve um filho duma chinesa que comprou, e sobretudo amou a língua chinesa. Eis o que para mim caracteriza um verdadeiro sinólogo: o amor (em sentido lato) à China, ou a alguns dos seus aspetos, e à sabedoria chinesa, traduzido em obra: curta ou extensa, pouco importa. Por isso podemos chamar-lhe a justo título: sinólogo sensitivo.

O horror que sentia ao modo como era praticada a justiça na China, não diferia muito da repulsa experimentada em Portugal de onde se afastou irremediavelmente. Os padrões de justiça do “morto-vivo”, como o alcunhavam os chineses, eram demasiado elevados para o tempo em que viveu. Note-se como termina o poema, *Na Cadeia* (在監獄裡):

Coração, quietinho, quietinho,
Porque te insurges e basfemas?
Pschiu...Não batas...Devagarinho...
Olha os soldados, as algemas!

(心啊，安定些，安定些
你何必鬧事，破口大罵呢？
唏……別蹦蹦跳了……跳慢些……
瞧瞧那些士兵，那些鑊鏢)
(1997:64/65)

Como sinólogo salta para primeiro plano o verdadeiro amor que sentia pela língua chinesa, muito embora estivesse longe de dominar toda a “lenga-lenga fastidiosa”, porque quem estuda esta língua percebe bem que o amor não é só feito de rosas, multiplicando-se os espinhos, sobretudo em mentes criadas e medradas em sistemas alfabéticos.

Ainda assim, no nosso sinólogo prevaleceram as forças de amor, vergando-se a discórdia ao ritmo poético e encantatório das elegias chinesas, que traduziu em parceria com o sinólogo macaense José Vicente Jorge,



Lei Ngoi Long, sua companheira chinesa, com o filho, João Manuel Pessanha. In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau / Instituto Português do Oriente, 2005.

diretor dos Serviços do Expediente Sínico de Macau.

No prefácio de *As Elegias Chinesas*, que viriam a ser publicadas no jornal “O Progresso” entre 13 de setembro e 18 de outubro de 1914 em Macau, confessa o Poeta-Tradutor a respeito das suas traduções:

tenho entretido os ócios dos últimos seis anos de residência em Macau – os primeiros da velhice -, tirando desse esforço (em boa verdade se diga) horas dum tão suave prazer espiritual que dele o não esperava tamanho. (1999: 25)

Um verdadeiro prazer espiritual foi o que Camilo Pessanha ganhou com o seu esforço de tradução das elegias datadas do período Ming (1368-1628), enriquecidas por abundantes notas de tradução para situar histórico-culturalmente os leitores dos poemas chineses, que foram caracterizados, parafraseando Herbert Giles, como “nozes bem duras de roer”.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

No prefácio, ou caso se prefira, no artigo sobre *A Literatura Chinesa*, Camilo Pessanha concede-nos resumidamente a sua filosofia de tradução. Traduz literalmente, sempre que possível, e adapta, quando as “especialíssimas técnicas métricas” (1999:26) não o permitem. Refere ainda que os poemas chineses antigos têm mesmo que ser acompanhados por notas explicativas, a fim de os situar e contextualizar no tempo, no espaço e nos valores culturais do país, por causa do duplo sentido ou figurado:

Uma das mais flagrantes características da poesia chinesa, e, sem dúvida, o mais difícil obstáculo à sua cabal exegese pelos Ocidentais, está nesse gosto exagerado pela alusão histórica ou literária, que faz com que numerosas passagens, e até poemas inteiros, tenham duplo sentido. (Ibidem)

A esta duplicidade acresce “a concisão epigráfica” da poesia, pelo que o tradutor se deve socorrer de todos o auxílio possível, incluindo o de nativos ou bilingues como o seu amigo Vicente Jorge.

Do ponto de vista temático, as elegias casam na perfeição com a sensibilidade poética do tradutor, que é angustiada, desterrada e saudosa, como bem viu Maria Antónia Jardim (2000:199):

Para Pessanha, a saudade, foi talvez a luz que o conduziu da terra ao Céu, ao “Branco e Vermelho” em flor, uma pedagogia em degraus de luz que favorece o parto duma alma lusitana simbolicamente universal.

Um sentimento triste e saudoso marca o ritmo destas composições poéticas, e só assim poderia ser já que de elegias se trata. Pesaroso, desconchado e saudoso esteve sempre o poeta, recordemos que quando vinha a Portugal sentia saudades de Macau e vice-versa. Ele sublimou a saudade em obra, quer poética quer tradutória, e foi ela que deu razão de ser, à maneira da *Arte de Ser Português* de Teixeira de Pascoaes, a toda a sua existência.

Aqui fica a tradução duma das elegias:

Sobre o Terraço

Os antigos mortos, invisivelmente,
Vêm ainda ao seu terraço antigo...
Já sopra da nona lua o vento lamentoso.
De os três rios devem estar a chegar os gansos
de arribação.

Cobrem nuvens a vastidão dos dois Kuangs.
Declina, pálido, o sol sobre Pang-Lai.
Desterrado da Pátria e sem notícias dela,
Para essas bandas volvo de contínuo os meus
olhos.

(登臺
古人不可見
還上古時臺
九月悲風發
三江候雁來

浮雲通百粵
寒日隱蓬萊
逐客音書斷
馮高首重回)
(1999: 38/39)



Figura de Lo Han. mnm5126. Autor desconhecido, China. Séc. XVII. Coleção de Arte Chinesa de Camilo Pessanha. Museu Nacional de Machado de Castro. Direção- Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ ADF). Fotografia de José Pessoa. uês do Oriente, 2005.



Camilo Pessanha e a Máscara. Autor: Carlos Marreiros; Acrílico sobre tela, 122x122cm, 1986. Museu de Arte de Macau A-PA1998-000004

As Elegias Chinesas foram publicadas por várias editoras. Chamo a atenção para a edição da Gradiva (1999), ilustrada pela pintura de Pedro Barreiros, donde se retirou a presente elegia. Contudo, tanto na edição da Gradiva (1999) como na conjunta do Instituto Português do Oriente e Instituto Cultural

de Macau (1992), há um problema de organização quanto à correspondência dos textos chinês/ português, nomeadamente nas terceira e quarta elegias, podendo a disposição suscitar confusão no espírito dos leitores.

Muitos foram os artistas que cantaram e pintaram sob a égide de Camilo Pessanha, sendo um dos mais

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

notáveis, Carlos Marreiros, que compôs, expôs e construiu incessantemente em torno de Camilo Pessanha. Aqui gostaria de salientar a obra resultante duma exposição de desenhos no Clube Militar de Macau em 1998, intitulada “O Poeta e a Cidade”, editada pelo Instituto Cultural de Macau no mesmo ano.

Nestes desenhos nada escapa ao olhar atento de Carlos Marreiros, pelo qual o poeta aparece retratado em muitos ângulos da sua personalidade, mas é na faceta colecionista de Camilo Pessanha que se descobre, a meu ver, como amava as pequenas coisas da vida chinesa de todos os tempos. Por exemplo, no catálogo das peças que ofereceu ao Museu de Arte Nacional descobrimos pinturas e rolos caligráficos, bordados, brocados, indumentária, joalheria, *cloisonnés* e bronzes com e sem incrustações, bem como esculturas em vários materiais, embutidos em madeira e diversos tipos de cerâmica que exibem sobretudo os seus gostos de vivo, muito distantes do opiado abraço de morfeu, pronto a trocar a nossa esfera mundana por outra inefável e transcendente.

O poeta esteve bem vivo e acordado na China, especialmente para a cultura chinesa, sendo por isso, repete-se, a justo título considerado sinólogo. Ele foi um conhecedor não tanto das teorias e escolas artísticas chinesas, ao jeito de Silva Mendes, mas da história privada dum povo *sui generis*, cujo espírito se revela melhor nas obras de arte do que nas teorias que se tecem em redor delas. Se muito lhe escapou da dimensão científico-erudita, nada perdeu do lado prático e vivido desta cultura, bem como do excelente cruzamento e miscigenação que a terra de Macau proporcionou.

4. A TEMPO

Camilo Pessanha embora se classificasse a si mesmo como um “*dilletanti* da sinologia” (1993b:55), amou, acima de tudo, do ponto de vista intelectual e existencial, a língua chinesa. É das poucas áreas temáticas que só lhe merecem elogios. Vejamos o que afirma na conferência intitulada “Literatura Chinesa” (1915), onde volta a referir o prazer espiritual que a língua lhe proporciona, tal como já o fizera a respeito das suas traduções poéticas (1914):

Preferia, pois, sem plano definido e sem preocupações de erudição, dar ao auditório

uma ligeira ideia da estrutura íntima da língua chinesa literária e do imenso prazer espiritual que o estudo, por superficial que seja, dessa língua e dos seus monumentos proporciona a quem a ele se dedica, - pelas belezas que encerra, pelas surpresas que causa e, principalmente, pelos vastos horizontes que entreabre ao espírito sobre a condição geral da humanidade e pela imensa luz que projeta sobre o modo de ser das civilizações extintas. (1993b: 55)

E um pouco adiante acrescenta que “é a mais formosa e mais sugestiva de todas as línguas literárias vivas ou mortas.” (1993b: 59). Se somarmos a este rasgado elogio, os esforços concretos que fez para aprender e desenvolver os seus estudos de língua, materializados em traduções concretas, não restam quaisquer dúvidas em integrá-lo no corpo dos sinólogos portugueses, não dos diletantes, mas dos que levam a missão a sério e até ao limite existencial possível.

Para concluir, há a mencionar um dos últimos artigos do poeta, datado de 7 de junho de 1924, publicado em “A Pátria”, intitulado “Macau e a Gruta de Camões”, no qual revela um respeito religioso por Camões, a quem chama poeta máximo de Portugal e do mundo (1993b:119). Assim abre o artigo:

Dos templos profanos portugueses dedicados ao culto da Pátria e ao culto do génio é sem dúvida um dos mais venerados o modesto jardim de Macau, chamado a Gruta de Camões. (Ibidem)

E ainda que opine, em resposta às vozes que se faziam sentir sobre a questão de Camões ter estado ou não em Macau: “A polémica há-de decerto renascer mais animada algum dia; e provável é que o problema venha a decidir-se finalmente pela negativa” (Ibidem), há a reter o louvor a Camões e o orgulho que vai exibindo ao longo do todo o artigo pela gesta portuguesa e pelas marcas deixadas no Oriente, considerando:

Macau o mais remoto padrão da estupenda atividade portuguesa no Oriente nesses tempos gloriosos. Note-se que digo padrão, padrão vivo: não digo relíquia. (1993b: 121)

Termina o raciocínio defendendo que Macau é “a única terra em todo o ultramar português, na qual se pode ter até certo ponto a ilusão de se estar em Portugal” (1993b: 122), rematando o artigo dentro dum tom profundamente nacionalista em que Camões e a Pátria se confundem no mesmo amor a um Portugal distante,

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

heróico e glorioso, animado pelos portugueses da diáspora de então, que souberam perpetuar a “verdade intuitiva superior” (1993b:123) contra as investigações científicas, sobre a vivência, com frutos poéticos, de Camões em Macau.⁷

Por fim, Camilo Pessanha foi um sinólogo português dos mais sofridos, que viveu na carne a sua relação com estudos chineses, extravasando em caracteres a dor existencial que sentiu ou colecionando vivências mais alegres onde empenhava os seus parcos ordenados de funcionário. Nascido em Coimbra e falecido em Macau, soube fundir na escrita pela ação do coração o que a geografia separava, descobrindo e contemplando Portugal na própria China. Pelos seus olhos Macau fez-se à época mais português:

das águas amarelas do rio e da rada, onde deslizam as lentas embarcações chinesas de forma extravagante, com as suas velas de esteiras fantasmáticas, e criar-se, em certas épocas do ano e a certas horas do dia, a ilusão de terra portuguesa. (1993b: 121)

Também Portugal se engrandeceu em Macau. Aí Camilo Pessanha recuperou o Portugal ideal que lhe emergia no coração em declaradas homenagens poéticas, como a de San Gabriel (聖加百列), cuja segunda parte, à laia de conclusão, aqui se regista incompleta:

Pararam de remar! Emudeceram!
(Velhos ritmos que as ondas embalaram)
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que de tão longe nos trouxeram?

人門不再划槳了！都不作聲了！
(海浪在哼唱著古老的節奏)
海風給我們安排了怎麼樣的圈套！
它們幹嗎把我們帶到了這樣遠的地方？

(...)
Fulgem as velhas almas namoradas...
- Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.

寧靜的閃爍那些當年的幽靈……
——悲哀的、嚴厲的、順從的幽靈，
他們是武士、聖徒、詩人。
(1997: 24/25)

Foi deste encontro de culturas tecido no coração que brotou a sinologia sensitiva e literária que o poeta soube cantar, apresentar e transmitir, suscitando verdadeiro prazer espiritual e gosto pelos estudos e vivências chinesas aos leitores de todos os tempos. **RC**

NOTAS

- 1 Renascimento, vol. 4, n. 4, Outubro de 1944.
- 2 António Dias Miguel, “Diário Popular”, 19 de outubro de 1967.
- 3 “Ideia Nova” nº 13, 18 de março de 1929.
- 4 “Diário Popular”, 7 de abril de 1967.

- 5 Parêntesis nosso.
- 6 Cruz, da Gaspar 1997 (1570). Tratado das Coisas da China.
- 7 Para estudos mais desenvolvidos sobre o tema consultar a obra de Eduardo Ribeiro (2013). Camões em Macau. Uma Verdade Historiográfica.

BIBLIOGRAFIA

- Barreiros, Pedro (org.) 1999. As Elegias Chinesas. Tradução poética de Camilo Pessanha, pintura de Pedro Barreiros. Lisboa: Gradiva
- Cruz, da Gaspar 1997 (1570). Tratado das Coisas da China. Lisboa: Cotovia
- Jardim, Antónia Maria. 2000. Camilo Pessanha, Um educador Épico-Ético. Macau: Fundação Macau
- José, Carlos Morais, Rui Cascais (Coord.) 2004. A Poesia de Camilo Pessanha. Macau: Instituto Internacional de Macau
- Marreiros, Carlos. 1998. O Poeta e a Cidade. The Poet and the City. Macau: Instituto Cultural de Macau
- Oliveira, Veiga de Celina. 1993a. Camilo Pessanha: O Jurista e o Homem. Macau: Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau
- Pessanha, Camilo. 1997. Clepsidra / 《滴漏》. Trad. Chen Yongyi (陳用儀). Macau/Shijiazhuang-Hebei: Instituto Cultural de Macau e Editora Montanha das Flores
- Pires, Daniel (Coord.).1990. Homenagem a Camilo Pessanha. Macau: Instituto Português do Oriente, Instituto Cultural de Macau
- 1992. Homenagem a Camilo Pessanha. Macau: Instituto Português do Oriente, Instituto Cultural de Macau
- 1993b. Camilo Pessanha: Estudos e Traduções. Lisboa: Vega